

## OS *ĀPYĀWA* (TAPIRAPÉ), OS NEOLOGISMOS E A ESCOLA INDÍGENA: POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM RESPOSTA AO ETNOCÍDIO

Karine Dourado<sup>1</sup>  
Walkíria Neiva Praça<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste estudo, a partir de uma política linguística desenvolvida na Escola Estadual Indígena Tapi'itāwa, propõe-se uma inicial reflexão sobre os neologismos, como pertencentes ao discurso, e sobre o papel da escola na resistência aos movimentos etnocidas. A criação desses neologismos formais é consequência da não aceitação passiva de um largo número de empréstimos oriundos do português inseridos na língua tapirapé. A ação da comunidade indígena é legitimada como uma tentativa de resistência linguística e cultural. Tais empréstimos, que pertencem à classe gramatical dos nomes, foram traduzidos para o tapirapé, o que ocasionou um acréscimo de, aproximadamente, duzentos novos nomes no léxico da língua. Na formação desses novos nomes, foram aplicados, principalmente, os recursos morfológicos de composição, derivação, nominalização, os quais podem ser empregados simultaneamente na criação de um novo item lexical. Além da gênese dos neologismos formais, também é registrada a inserção de neologismos semânticos, isto é, criação neológica decorrente de resignificação de itens lexicais já existentes. Para isso, serão discutidos os conceitos de genocídio e etnocídio, no viés das Ciências Sociais (CLASTRES, 2004); os dados linguísticos e culturais sobre os Tapirapé (PRAÇA, 2007); a definição de neologismo (CABRÉ, 1993); os processos morfológicos mais recorrentes na constituição de novas unidades léxicas na língua tapirapé (PRAÇA, 2012); e os conceitos de poder, discurso e ideologia, desenvolvidos na Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003; THOMPSON, 1998; RAMALHO & RESENDE, 2011; e outros).

**Palavras-chave:** *Āpyāwa* (Tapirapé). Escola Indígena. Etnocídio. Neologismo.

**Abstract:** In this study, from a language policy developed in the Tapi'itāwa Indian State School, Brazil, we propose an initial reflection on neologisms as belonging to the discourse, and on the school's role in resistance movements. The creation of formal neologisms in the Tapi'itāwa Indian State School is a consequence of the non-acceptance of a large number of loans from Portuguese in Tapirapé language. The creation of neologisms in the indigenous community is legitimized as an attempt of linguistic and cultural resistance. Such loans, which belonged to the grammatical class of nouns were translated into Tapirapé, which caused an increase of approximately two hundred new nouns in the lexicon of Tapirapé language. In the creation of these new nouns, the morphological processes of word formation, such as composition, derivation and nominalization, which can be employed simultaneously in the creation of a new lexical item, have been applied. We also analyze the inclusion of semantic neologisms, i.e. neological creation from reinterpretation of existing lexical items. To achieve the goal of this paper, the concepts of genocide and ethnocide are discussed (CLASTRES, 2004); linguistic and cultural data on Tapirapé are presented (PRAÇA, 2007); a definition of neologism is discussed (CABRE, 1993); the most frequent morphological processes in the formation of new lexical items in the Tapirapé language also are presented (PRAÇA, 2012); and the concepts of power, discourse and ideology, developed in Critical Discourse Analysis, are discussed (FAIRCLOUGH, 2003; THOMPSON, 1998; RAMALHO & RESENDE, 2011; and others).

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília.

**Keywords:** *Ãpyãwa* (Tapirapé). Ethnocide. Indian school. Neologism.

## 1 Introdução

Atualmente, em toda a América do Sul, os últimos índios livres sucumbem sob a pressão enorme do crescimento econômico, brasileiro em particular. As estradas transcontinentais, cuja construção se acelera, constituem eixos de colonização dos territórios atravessados: azar dos índios com quem a estrada depara! Que importância podem ter alguns milhares de selvagens improdutivos comparada à riqueza em ouro, minérios raros, petróleo, em criação de bovinos, em plantações de café etc.? Produzir ou morrer, é a divisa do Ocidente. (CLASTRES, 2004, p. 62-63).

As pesquisas científicas em línguas indígenas no Brasil revelam que, desde a chegada dos europeus ao Brasil, elas, as línguas, têm estado continuamente submetidas a um processo de extinção (ou mesmo de exterminação)<sup>3</sup> de espécies com consequências extremamente graves. Hoje, há, aproximadamente, 240 povos indígenas falando mais de uma variedade da língua portuguesa e cerca de 180 línguas indígenas no país, mas estas línguas são apenas 15% das mais de mil línguas que se calculam terem existido aqui em 1500 (RODRIGUES, 1993a, 1993b), considerando-se, por exemplo, que quase todas as línguas indígenas que se falavam nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil desapareceram.

Tendo em vista não só a superfície de contato, como também a sobreposição que há entre língua e cultura, essa extinção drástica de línguas pressupõe, pode refletir e implicar, necessariamente, o aniquilamento de culturas milenares e de tudo o que elas representam e constroem em termos de sabedoria, diversidade e pluriculturalidade. Desapareceram, também, as comunidades que faziam uso dessas línguas em suas interações cotidianas, traduzindo em uma enorme perda quantitativa

---

<sup>3</sup> Propomos a distinção entre essas duas formas de minimização das culturas indígenas, *extinção* e *exterminação*, uma vez que a primeira está ligada ao desaparecimento de comunidades indígenas por questões mais indiretas com relação ao homem não indígena, ou menos motivadas/desejadas por ele. No entanto, a segunda forma, teria um caráter totalmente intencional, sendo, então, um crime de genocídio praticado por grupos de extermínio, tendo como objetivo principal acabar com todo e qualquer vestígio de presença indígena para inviabilizar a demarcação de terras, liberando-as para a apropriação privada, exploração dos recursos naturais, a pecuária e o agronegócio, por exemplo.

uma perda qualitativa ainda maior. Culturas e línguas com propriedades desconhecidas desapareceram sem deixar vestígios, e provavelmente alguns povos e algumas famílias linguísticas inteiras deixaram de existir.

Pode-se refletir sobre esses desaparecimentos a partir dos conceitos de genocídio e etnocídio, explorados nas Ciências Sociais (CLASTRES, 2004). Tanto o genocídio quanto o etnocídio traduzem aversão ao outro e ao *modus vivendi* do outro, pautada por relações étnicas assimétricas que visam à manutenção do poder. O crime de genocídio, observado, por exemplo, nos massacres antissemitas cometidos em nome do nazismo, corresponde à destruição física dos seres humanos. A prática do etnocídio, por sua vez, equivale à alienação dos seres humanos de sua cultura materna, tornando-a invisível à medida que o indivíduo é imerso em outro contexto sociocultural, impondo-se-lhe novos paradigmas e parâmetros de valores e comportamentos<sup>4</sup>. Por um lado, ao genocídio pode ser atribuído um caráter mais ativo/agressivo, visto que seu objetivo é extinguir a cultura a qualquer custo, inclusive por meio da exterminação de seus “portadores”. O genocídio pode pautar-se, ainda, por motivações econômicas, compreendendo o indígena como um obstáculo ao progresso econômico. Por outro lado, o etnocídio possui uma natureza mais estratégica, que extingue a cultura sem exterminar seu portador, deixando-o vivo e livre para ser “civilizado” por outra cultura. Enquanto a perspectiva genocida não vê valor algum no indígena, a etnocida o enxerga como um diamante não lapidado, um terreno não explorado, uma potencial força de trabalho ou, ao menos, um potencial consumidor. Resumidamente, para Clastres (2004, p. 56), “o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito”.

Tanto os crimes de genocídio quanto as práticas de etnocídio contra os indígenas no Brasil não se deram apenas durante o período colonial, mas mantiveram-se durante o período imperial e têm-se mantido no período republicano, às vezes, em certos momentos e em determinadas regiões com maior intensidade.

---

<sup>4</sup> Não se fala em “destruição da cultura”, uma vez que não é conceitualmente concebível um ser humano “aculturado”, ou seja, não há uma lacuna isenta de traços culturais entre a alienação da cultura materna e a aquisição de outra cultura.

Contudo, há grupos indígenas que sofreram uma grande depopulação e um quase aniquilamento social, mas que conseguiram se reerguer como uma comunidade que luta para se manter dentro de seus padrões culturais, preservando viva sua língua. Os *Āpyāwa* (Tapirapé)<sup>5</sup>, um grupo tupi do Brasil central, foram quase dizimados na década de 40, mas, com a ajuda das Irmãzinhas de Jesus, cujo auxílio foi de fundamental importância, iniciaram um processo de recuperação populacional, da identidade e de suas terras, e construíram a escola que tanto almejavam, extremamente importante para colocar em prática políticas linguísticas como a apresentada neste estudo.

O objetivo deste artigo, então, é propor uma reflexão sobre o papel da Escola Indígena Tapirapé diante da política linguística de substituição dos empréstimos linguísticos do português para o tapirapé e sobre os desdobramentos simbólicos desta iniciativa como resposta ao etnocídio. Para isso, este artigo está organizado da seguinte maneira: a seção 2, *O povo Āpyāwa e sua língua*, apresenta uma breve descrição da história da comunidade indígena, bem como sua localização e população; na seção 3, *Os āpyāwa e os neologismos*, define-se o conceito de neologismo, fundamental para a preservação da identidade tapirapé; em *Processos de formação de palavras*, seção 4, apresentam-se os neologismos formados pelos Tapirapé; na seção 5, *Os neologismos como parte do discurso e a escola na luta contra os movimentos etnocidas*, busca-se, com contribuições da Análise de Discurso, relacionar esses neologismos a instrumentos semióticos de lutas de poder e hegemonia e observar a escola como uma importante base de estruturação ideológica.

## 2 O povo *Āpyāwa* (Tapirapé) e sua língua

Os *Āpyāwa*, como se autodenominam os Tapirapé, têm uma história marcada por ataques e invasões, aldeias saqueadas, casas queimadas. Esse povo foi

---

<sup>5</sup> Para este estudo, quando mencionada a comunidade indígena, apresentar-se-ão as formas *Āpyāwa* e/ou *Tapirapé*; quando mencionada a língua, apresentar-se-ão as formas *āpyāwa* e/ou *tapirapé*.

praticamente dizimado no final da década de quarenta por doenças infectocontagiosas adquiridas pelo contato com os *tori* 'não índios' e pelos ataques dos Kayapó Metuktire, grupo guerreiro inimigo. Conforme Baldus (1970, p. 77), em 1947 restavam apenas 59 pessoas.<sup>6</sup> Em 1952, quando o povo *Ãpyãwa* estava extremamente descrente quanto ao seu futuro, as Irmãzinhas de Jesus chegaram à atual área indígena Tapirapé/Karajá, promovendo um trabalho de resgate de elementos importantes para a cultura Tapirapé.

Atualmente, os *Ãpyãwa* são aproximadamente 950 pessoas, divididos entre a Terra Indígena Tapirapé/Karajá e a Terra Indígena Urubu Branco, separadas por cerca de 180 km, localizadas nos municípios de Luciara e Santa Terezinha no Mato Grosso (PRAÇA, 2007). Apesar de suas terras serem homologadas por decretos e terem finalizado o processo de regulamentação fundiária,

[m]uitos Tapirapé estão preocupados com o futuro de suas terras e com a presença constante dos *tori* 'não-índios' nas aldeias. (...) Pelejam diariamente para defender suas terras, as quais são frequentemente invadidas por posseiros, e para manterem-se como uma unidade sócio-cultural distinta. Associam a língua Tapirapé ao próprio sangue e consideram-na elemento vital para a sobrevivência do seu povo. (PRAÇA, 2007, p. 3)

De acordo com a classificação de Rodrigues (1984/1985), a língua tapirapé pertence ao subconjunto IV<sup>7</sup> da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi. Atribuímos a plena vitalidade da língua às importantes medidas tomadas pela escola, em que, por exemplo, trabalha-se, primeiramente, a alfabetização em língua materna e, posteriormente, inicia-se o aprendizado do português. Assim, os *Ãpyãwa*, em sua grande maioria, são bilíngues em tapirapé e em português. Além disso, os alunos do ensino médio têm noções fundamentais de linguística aplicada à descrição da própria

---

<sup>6</sup> *Xãko'iãpari* (*in memoriam*) foi um grande líder muito respeitado por todos. Era conhecedor de todos os cantos, histórias e mitos e sempre fez questão de frisar que o nome do seu povo era *Ãpyãwa*. Em comunicação pessoal com Praça (2015), afirmou que eles nunca se autodenominaram Tapirapé, mas, que após a visita dos *mãira* 'estrangeiros, não índio', todos os chamam de Tapirapé, inclusive eles mesmos.

<sup>7</sup> O subconjunto IV da família Tupi-Guarani inclui também: Asuriní do Tocantins, o Avá-Canoeiro, o Guajajára, o Parakanã, o Suruí, o Tembê e o Turiwára (RODRIGUES, 1984/1985).

língua e o corpo docente da Escola Indígena Tapirapé é basicamente constituído por professores Tapirapé, cuja formação superior de alguns é em Projeto de Formação de Professores Indígenas, curso oferecido pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), e de outros é em Licenciatura Intercultural, curso oferecido pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Para este estudo, o objetivo não é levantar uma bandeira em defesa ou em protesto às comunidades indígenas que perderam suas línguas maternas e têm o português como sua primeira língua, ou o contrário. Acredita-se que esse tipo de debate minimiza as culturas indígenas, em que, na verdade, faz-se uma escala de classificação que varia entre “muito índio” até “pouco índio”. Ou seja, o indígena nu, que preserva sua língua materna, possui habilidades para a pesca e bom manuseio de arco e flecha, seria muito índio; em contrapartida, o que dirige, vê televisão, usa roupas, tem o português como sua primeira língua e possui celular, seria pouco índio. Assim como quaisquer outras, as culturas indígenas não são estáticas, elas mudam no decorrer do tempo e do espaço, mesmo que não seja por influência estrangeira, e, mesmo travando relações com os não índios, os povos indígenas mantêm suas identidades e se afirmam como grupos étnicos diferenciados, portadores de tradições próprias. Nosso papel, então, é defender que esses indígenas tenham condições sociais, econômicas e políticas de absorver as novidades que vêm do contato da forma como lhes parecer mais adequada.

### **3 Os Āpyāwa e os neologismos**

Como resquícios da luta pela preservação da identidade, os Tapirapé escolarizados, professores e estudantes dos ensinos fundamental e médio, vinham se recusando a aceitar, de forma passiva, um largo número de empréstimos oriundos do português. A partir dos estudos de Cabré (1993, p. 444)<sup>8</sup>, estes empréstimos podem

---

<sup>8</sup> Referência nos estudos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cujos princípios fundamentam-se no caráter comunicativo do discurso especializado, refletindo a respeito da linguagem efetivamente utilizada no âmbito especializado.

ser definidos como neologismos<sup>9</sup> por serem termos emprestados de um sistema linguístico estrangeiro, cada vez mais presentes nas línguas indígenas, como, por exemplo, na língua *ãpyãwa*.

Por iniciativa do professor Josimar Xawapare’yimi Tapirapé<sup>10</sup>, em 2010, ao observar que as pessoas mais velhas, há tempos, criavam vocábulos em tapirapé para os objetos da cultura não indígena que iam sendo introduzidos em suas vidas, como no caso de *o’yepakxyiãwa* ‘tesoura’, começou a trabalhar com seus alunos, na Escola Estadual Indígena Tapi’itãwa, a substituição dos empréstimos portugueses, tais como ‘bola’, ‘bolacha’, ‘trave’, ‘arame’ entre muitos outros, por novos vocábulos em tapirapé.

O educador e linguista Josimar Xawapare’yimi Tapirapé justificou a importância desse trabalho, iniciado a mais de uma década, em comunicação pessoal com Praça em agosto de 2010:

O povo tapirapé tem que frear a entrada das palavras do português na nossa língua porque, em muito pouco tempo, nós estaríamos falando um tapirapé todo misturado com o português. As palavras do português estão entrando na língua sem que ninguém percebesse e estão se firmando na nossa fala. Assim, o português fica cada vez mais forte e o tapirapé cada vez mais fraco. Isso estava acontecendo em consequência da rápida inserção de vários objetos e outros elementos que não faziam parte da nossa vida e agora estão em todos os lugares. Além disso, a maioria das pessoas a nossa volta fala português. Os objetos entram com os nomes que deram a eles e se fixam na cultura e na língua. Os antigos faziam as traduções para o tapirapé automaticamente porque eram poucas coisas que iam sendo introduzidas na vida deles (PRAÇA, 2012, p. 192).

O trabalho começou na Escola Estadual Indígena Tapi’itãwa, crianças e jovens que participavam desse processo utilizavam os novos vocábulos em tapirapé e os difundiam em casa, bem como na comunidade. Paulatinamente, a presença do

---

<sup>9</sup> Segundo Cabré (1993, p. 444)<sup>9</sup>, neologismo pode ser definido como uma unidade léxica de formação recente, uma acepção nova de um termo já existente ou um termo emprestado de um sistema linguístico estrangeiro.

<sup>10</sup> Este professor recebeu o prêmio “Professor Nota Dez” promovido pela revista *Nova Escola* / Fundação Abril, edição 2003, por causa do desenvolvimento do projeto Língua Viva.

português nas interações diárias nas aldeias era menor. Cabe destacar que em maio de 2010 por iniciativa da escola, foi realizado um seminário para discutir políticas linguísticas para o povo *Ãpyãwa* (Tapirapé). A comunidade foi convidada a discutir e avaliar junto com os professores as novas palavras criadas. Neste ínterim, foram elaboradas outras palavras como, por exemplo, *marakarenopãwa* ‘fone de ouvido’ (*marakã* ‘canto’+ *enop* ‘ouvir’ + *-ãwa* ‘nominalização de processo, instrumento, local’’).

A comunidade participou ativamente do processo iniciado na escola, e cerca de 200 novos vocábulos foram discutidos e aprovados durante o referido seminário. Também foi produzido pela escola um dicionário bilíngue tapirapé-português, cujo título é *Xe’egyãõ* ‘palavras novas’.

#### 4 Processos de formação de palavras

Com uma rica morfologia, a língua tapirapé possui vários processos de formação de palavras, tais como: composição, derivação, nominalização, reduplicação<sup>11</sup>, os quais podem ser empregados simultaneamente na criação de um novo vocábulo. Contudo, observa-se que na formação dos referidos neologismos foram utilizados basicamente os processos de composição e derivação, sendo que na derivação encontram-se processos que podem ou não alterar a categoria gramatical da base. Apesar de haver na língua palavras derivadas por reduplicação, esse mecanismo não foi utilizado nos neologismos formais. Observa-se que a utilização desse mecanismo satisfaz a necessidade de exprimir a noção de plural das respectivas bases componentes da nova palavra.

Como o objetivo deste estudo é refletir sobre o papel da Escola Estadual Indígena Tapi’itãwa diante dos empréstimos linguísticos do português para o tapirapé e sobre os desdobramentos desta iniciativa como resposta ao etnocídio, os processos

---

<sup>11</sup> Abreviaturas utilizadas: I ‘classe I’; II ‘classe II’; ATE ‘atenuativo; N ‘nome’, INT ‘intensivo’; N.AGT ‘nominalização de agente; N.CIR ‘nominalização de circunstância; N.PAC ‘nominalização de paciente; N.PAS ‘nominalização passiva’; N.PRED ‘nominalização de predicado; N.Proc ‘nominalização de processo, instrumento, local’; REFER ‘referenciante; SI ‘similaridade’; TRANS ‘translativo; V ‘verbo’.

de formação de palavras, bem como os exemplos apresentados a seguir são para mérito de exposição e exemplificação de alguns dos neologismos formados no projeto desenvolvido pelo professor Josimar Xawapare’yimi Tapirapé, juntamente com a comunidade escolar.

Os dados apresentados a seguir foram expostos por Praça (2012) em seu trabalho intitulado *Neologismos em Tapirapé*, nele a linguista detalha a metodologia da coleta de dados, a análise linguística engendrada e demais informações relevantes sobre os neologismos.

#### 4.1 Composição

A composição, cuja função primária é a de nomeação, é um processo de formação de palavras muito produtivo em ãpyãwa. Permite criar designações específicas, a partir da junção de duas ou mais bases lexicais. Em geral, essas formações são bem icônicas, ou seja, para nomear a entidade, consideram-se suas características mais relevantes:

(1)	<b>apin</b>	+	<b>yro</b>	>	<b>apinyro</b>
	cabeça	+	invólucro	>	invólucro.de.cabeça
	‘capacete’ (forma absoluta)				

Os novos vocábulos formados por composição podem ser constituídos de duas bases nominais, (N + N), ou de uma base nominal acompanhada por uma verbal intransitiva (N + V). A esses compostos, por sua vez, podem juntar-se outras bases para formarem um novo composto.

Os compostos (N + N) podem ser de dois tipos, a saber: compostos de núcleo final e compostos de núcleo inicial. Nos compostos de núcleo final, a primeira base nominal funciona como modificador e, a segunda, como núcleo, dados (2) e (3):

(2) **my** + **yro** > **myyro**  
pé humano + invólucro > invólucro.de.pé  
'sapato' (forma absoluta)

(3) **tato** + **yãra** > **tatoyãra**  
tatu + meio de transporte > meio.de.transporte.tatu  
'trator' (forma absoluta)

As relações semânticas que se estabelecem entre os elementos desses compostos são similares às existentes entre elementos nos sintagmas nominais. Entretanto, a composição possui regras morfofonêmicas específicas das juntas internas, ou seja, das fronteiras de morfemas no interior de palavras. A queda de consoante final diante de consoante inicial é uma regra obrigatória em fronteira de morfema e facultativa em fronteira de palavra. Nos compostos ocorre apenas um acento, o que leva à formação de uma única palavra fonológica, ao passo que nos sintagmas nominais há tantos acentos quanto as palavras que os constituem.

Por sua vez, os compostos de núcleo inicial são de outra natureza. A ordem dessa composição é invertida em relação à de núcleo final. A primeira base nominal funciona como núcleo, tendo a segunda como modificador. Esse tipo de composto sempre expressa um atributo da entidade:

(4) **xapew** + **akwy** > **xapewakwy**  
chapéu + ponta > chapéu.com.ponta  
'boné' (forma absoluta)

Os compostos do tipo (N + V) são participiais. A base nominal funciona como núcleo e a verbal, como modificador. Os verbos que constituem esses compostos são verbos basicamente descritivos. Os verbos descritivos são uma subclasse dos intransitivos que, diferentemente dos intransitivos ativos, indicam a categoria de pessoa por meio de marcadores. Os descritivos compartilham com os verbos

intransitivos ativos as propriedades de serem nominalizados pelo sufixo {-ãw} ‘nominalização de processo, instrumento, local’ e de poderem receber os prefixos imperativos {e-} ‘2sg’ e {pe-} ‘2pl’. Os exemplos arrolados a seguir demonstram a formação desses compostos.

(5) **totok** + **xiga** > **totoxiga**  
 barro + ser.branco > barro.branco’  
 ‘giz’ (forma absoluta)

(6) **pe** + **kato** > **pekãto**  
 caminho + ser.bom > caminho.bom  
 ‘asfalto’ (forma absoluta)

A um composto com núcleo final, inicial ou do tipo participial pode-se juntar uma outra base nominal ou verbal para formar um novo nome:

(7) **koja** + **pa’a** > **kojapa’a**  
 cuia + ser.redondo > cuia.redonda  
 ‘cuia redonda’  
**kojapa’a** + **xiga** > **kojapa’ax ga**  
 cuia redonda + ser.branco > cuia.redonda.branca  
 ‘bola’ (forma absoluta)

(8) **ita** + **xow** > **itã-xowa**  
 pedra + ser.amarelo > pedra.amarela  
 ‘ferro’ (forma absoluta)  
**itãxowa** + **eã** > **itãxoweã**  
 ferro + olho > ferro.do.olho  
 ‘óculos’ (forma absoluta)

(9)	<b>itãxow</b>	+	<b>xa'e</b>	>	<b>itãxo-xa'e</b>
	ferro	+	panela	>	panela.de.ferro
	'panela de ferro'				
	<b>tãxoxa'e</b>	+	<b>yma</b>	>	<b>tãxoxa'eyma</b>
	panela de ferro	+	alça	>	panela.de.ferro.com.alça
	'balde' (forma absoluta)				

Como pode ser visto em (9), os nomes compostos podem ser constituídos por mais de três bases.

## 4.2 Derivação

A derivação em tapirapé ocorre mediante o acréscimo de afixos à base. O processo predominante na derivação é a sufixação. Apenas na derivação deverbal é usado um prefixo {emi-} 'nominalização de paciente'. Há dois tipos de morfemas derivacionais muito recorrentes nos mecanismos de geração de novos nomes. Aqueles que não mudam a classe lexical da base à qual se unem, constituindo a derivação endocêntrica, e os que mudam, constituindo a derivação exocêntrica.

### 4.2.1 Derivação endocêntrica

Os sufixos transcategoriais {-o} 'intensivo' e {-i} 'atenuativo' são morfemas flexionais requeridos pela sintaxe, capazes de derivar nomes, e o sufixo {-ryn} 'similaridade' é um típico morfema derivacional<sup>12</sup> e só deriva nomes a partir de bases nominais.

O sufixo intensivo {-o} (-'o ~ -o ~ -oo ~ -oho), em bases nominais, pode indicar entidades com dimensões maiores ou menores que a entidade prototípica, mas

<sup>12</sup> No âmbito deste trabalho, os processos morfológicos de derivação e flexão são analisados conforme proposto por Bybee (1985), em que se acena para a possibilidade de flexão e derivação serem tratadas como uma única operação, do tipo gradiente ou escalar, não havendo limites intransponíveis entre essas duas grandes áreas da morfologia.

também pode derivar nomes dentro da própria classe, como as palavras *xanoo* ‘ema’ e *wyrão* ‘jaburu’, já lexicalizadas na língua. As bases nominais *xano* ‘aranha’ e *wyrã* ‘pássaro’, ao receberem o referido sufixo, como *xano* + *-o* > *xanoo* e *wyrã* + *-o* > *wyrão*, derivam respectivamente os nomes *xanoo* ‘ema’ e *wyrão* ‘jaburu’.

Dentre os neologismos formados por esse sufixo, destacam-se os seguintes:

(10) **tatõ-xy-o**

fogo-machado-INT

‘motosserra’

(11) **yro-pe-ryn-o**

invólucro-ser.anguloso-SI-INT

‘antena parabólica’

Por sua vez, o atenuativo {-’i} (-’i ~ -i), que expressa o diminutivo nos nomes, também pode derivar nomes dentro da própria classe nominal, como pode ser visto nos exemplos que se seguem.

(12) **anoxa’i**

rato-ATE

‘mouse’

(13) **ywyto-’i**

vento-ATE

‘ventilador’

(14) **xe’eg-ãw-i**

falar-N.PROC-ATE

‘fone de ouvido’

Ressalta-se que, nos nomes, os sufixos atenuativo {-’i} e o intensivo {-’o} podem se combinar, seja para exprimir uma ideia de tamanho, nesse caso, ‘mediano’, seja para derivar um novo nome designativo.

Semanticamente, o sufixo {-ryn} denota ideia de similaridade, ou seja, de determinada entidade ter qualidade ou caráter de ser similar a outra.

(15) **paraxi-ryn-a**

lápiz-SI-REFER

‘caneta’

(16) **xety-ryn-a**

batata.doce-SI-REFER

‘batatinha’

#### 4.2.2 Derivação exocêntrica

A nominalização é um processo derivacional muito produtivo que permite a criação de nomes. Há quatro tipos de nominalização deverbal e dois tipos de nominalização de outras categorias. As nominalizações deverbais formam nomes relativos, ou seja, têm sempre um complemento adnominal como modificador. Os outros dois tipos de nominalização são a nominalização de circunstância e a nominalização de predicado. A base para a formação de nominalização de circunstância são expressões adverbiais, ao passo que a nominalização de predicado é definida pelo predicado intransitivo de núcleo nominal ou verbal.

#### 4.3 Nomes deverbais

Em geral, os nomes deverbais são formados por bases verbais e afixos nominalizadores: os sufixos nominalizadores {-āw} (-āw ~ -tāw) ‘nominalização de processo, instrumento, local’, {-āra} (-āra ~ -tāra) ‘nominalização de agente’, {-pyr} (-

ipyꝛ ~ -pyꝛ) ‘nominalização de passiva’ e pelo prefixo {emi-} ‘nominalização de paciente’. As nominalizações formadas pelos sufixos {-ãꝛ} (-ãꝛ ~ -tãꝛ) ‘nominalização de agente’, {-pyꝛ} (-ipyꝛ ~ -pyꝛ) ‘nominalização de passiva’ também não são tão produtivas quanto as formadas pelo sufixo {-ãw} (-ãw ~ -tãw).

O sufixo {-ãw} (-ãw ~ -tãw) ‘nominalização de processo, instrumento, local’ anexa-se às bases verbais transitivas e intransitivas, formando nomes que se referem a processo, instrumento ou local:

(17) **t-yro-paej-tãw-a**

3.II-invólucro-lavar-N.PROC-REFER

‘tanque de lavar roupa’ (lit: local onde se lava roupa)

(18) **xo’io-api-ãwa**

prego-bater-N.PROC-REFER

‘martelo’

(19) **kojapa’axiga-mama-ãw-a**

bola-jogar-N.PROC-REFER

‘campo de futebol’

(20) **tatã-op-ãw-a**

fogo-estar.deitado-N.PROC-REFER

‘fogão’

O nominalizador de agente {-ãꝛ} (-ãꝛ ~ -tãꝛ) deriva nomes a partir de raízes verbais transitivas, indicando o agente da ação verbal:

(21) **mara-ma-mayg-ãꝛ-a**

humano-caus-remédio-N.AGT-REFER

‘enfermeiro(a)’

(22) **yara-pytapyk-ãr-a**

meio.de.transporte-dirigir-N.AGT-REFER

‘piloto, motorista’

(23) **h-yj-’ak-ãr**

3.II-dente-arrancar-N.AGT-REFER

‘dentista’

O sufixo nominalizador de passiva {-ipyr} (-ipyr ~ -pyr) também se anexa a bases verbais transitivas, indicando que a entidade sofreu ou sofre a ação:

(24) **porakerynooxaa-pyr-a**

tomada-N.PAS-REFER

‘tomada’

Apesar do prefixo nominalizador {emi-}, ‘nominalização de paciente’, ser muito produtivo na língua, sua utilização está mais ligada à sintaxe. Na nominalização de paciente, observa-se que essa nominalização mantém a mesma valência da base verbal, de maneira que os dois participantes do evento continuam a ser expressos. Nesse tipo de construção, o agente é necessariamente expresso pela posse genitiva, que indica o possuidor do evento nominalizado. A referência ao paciente é feita pelo nominalizador {emi-}, como exemplificado abaixo:

(25) **t-emi-’o**

3-N.PAC-ingerir

‘alimento’

#### 4.4 Nomes derivados de outras categorias gramaticais

Há dois sufixos nominalizadores que derivam nomes a partir de outras categorias gramaticais, tais como expressões adverbiais e predicados intransitivos, sejam de bases verbais intransitivas ativas, descritivas ou nominais em função de predicado.

O sufixo {-wãr} ‘nominalização de circunstância’ ocorre somente com expressões adverbiais, formando nomes de entidade caracterizada pela circunstância a ela associada:

- (26) **miãpe-’i-ramõ-wãr-a**  
pão-ATE-TRANS-N.CIR-REFER  
‘farinha de trigo’

O sufixo {-ama’e} (-ama’e ~ -mae) ‘nominalização de predicado’ é anexado somente a predicados intransitivos, sejam de bases verbais intransitivas ativas, descritivas ou nominais em função de predicado.

- (27) **aka’o-ma’e**  
3.I-tontear-N.PRED-REFER  
‘bêbado’
- (28) **i-kywer-i-ma’e**  
3.II-ser.magro-ATE-N.PRED-REFER  
‘letra í’ (tradução literal: aquele que é magrinho)

#### 4.5 Neologismos semânticos

Além dos novos itens lexicais resultantes da aplicação de mecanismos morfológicos, foi verificada também a existência de neologismos semânticos, que

consistem na criação neológica decorrente de ressignificação de itens lexicais já existentes. O novo valor semântico depende do conhecimento compartilhado pelos falantes, porque não se opera mudança formal nas unidades léxicas. O uso da unidade *anyrã* ‘morcego’ atribuído para a entidade ‘sombriinha/guarda-chuva’ advém metaforicamente da semelhança da borda desse objeto com a asa do morcego. Por sua vez, o sentido de *eixemamy*, nome que designa a porção do mel que se derrete ao ser retirada do favo, foi ampliado para ‘sorvete’.

## 5 Os neologismos como parte do discurso e a escola na luta contra o etnocídio

A partir da abordagem da Análise de Discurso, as análises discursivas precisam articular análises linguísticas do texto e explicações de caráter social, “discurso”, como um substantivo mais concreto, significa um “modo particular de representar parte do mundo”, ligado a interesses específicos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26).

Entendendo os neologismos como parte integrante dos eventos discursivos, essa necessidade de representação particular pode ser exemplificada com os dados supracitados, cuja tradução das novas unidades lexicais para o tapirapé corrobora a afirmação apresentada por Ramalho e Resende (2011, p. 22) sobre o texto:

(...) como evento discursivo ligado a práticas sociais, o texto traz em si traços da ação individual e social que lhe deu origem e de que fez parte; da interação possibilitada também por ele; das relações sociais, mais ou menos assimétricas, entre as pessoas envolvidas na interação; de suas crenças, valores, histórias; do contexto sócio histórico específico num mundo material particular, com mais ou menos recurso.

Dessa forma, a trajetória dos povos indígenas no Brasil, nos últimos 500 anos, tem mostrado não só a existência de formas próprias de educação, ou seja, de sistemas indígenas de educação, como também sua eficácia e força criativa na dinâmica do contato com os “outros”, balizando os processos de resistência, permanência e/ou mudanças culturais.

As relações entre discurso e poder social levam em conta que esse poder exerce uma forma de controle social se a sua base for constituída de recursos socialmente relevantes. Dessa forma, Dijk (2004) ressalta a importância da estrutura ideológica para o exercício e a manutenção do poder social, compreendendo cognições fundamentais, socialmente compartilhadas e relacionadas aos interesses de um grupo e dos membros. Essa base ideológica é adquirida, mantida ou alterada, através da comunicação e do discurso. Intencionalmente, o uso de uma ideologia proporciona a necessária coerência às atitudes sociais para transformá-las nas práticas sociais.

Uma possível saída para esse impasse somente pode ser representada pelo “contrapoder” (DIJK, 2004), como resistência ao poder constituído, o que, apesar de ser difícil, acontece. A afirmativa repisa o óbvio, pois a observância dos passos da história da humanidade fornece exemplos antológicos. Os *Ãpyãwa*, por exemplo, conscientes de si mesmos, da esfera à qual pertencem e do seu papel na estrutura da sociedade onde vivem, tem no espaço escolar um local para discutir a valorização de suas vidas, nos seus múltiplos aspectos: culturais, educacionais, sociais e políticos. A escola indígena representa, portanto, uma importante base de estruturação ideológica entre gerações *Ãpyãwa*, entre eles e outros povos indígenas, e, também, nas relações com os não indígenas.

Sabendo que o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem — suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes —, os *Ãpyãwa*, participantes de um cenário cujas práticas de etnocídio e genocídio são comuns, revelam-se resistentes. Relaciona-se, aqui, resistência à resiliência, ou seja, à capacidade de a comunidade indígena sofrer forte influência da cultura não indígena sem perder sua estrutura e funções essenciais.

Nos cursos de formação de professores indígenas tem-se colocado em debate a importância de uma política de valorização das línguas no contexto escolar e fora dele. A linguagem é refletida como parte irredutível da vida social, o que pressupõe relação interna e dialética de linguagem-sociedade, em que “questões sociais são, em

parte, questões de discurso”, e vice-versa (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. vii). Assim, os povos indígenas adquirem conhecimentos que os ajudem a estudar, analisar e documentar seus saberes linguísticos e extralinguísticos, contribuindo para a sustentabilidade de suas línguas.

Seguindo a perspectiva crítica de Thompson (1998), na Análise de Discurso, esses neologismos traduzidos seriam instrumentos semióticos de lutas de poder, ou seja, uma das formas encontradas pelos Tapirapé de assegurarem temporariamente a hegemonia pela disseminação de uma representação particular de mundo, não como se ela fosse a única possível e legítima, mas, sim, como sendo a capaz de valorizar e preservar a língua e a cultura desse povo. A tradução desses neologismos representa a afirmação do povo Tapirapé, não implica na negação da cultura do não índio — tanto não nega que os próprios indígenas reconhecem a importância de determinados utensílios vindos da cultura não indígena, seja por segurança (capacete), seja por conforto (sapato). A língua traz então mais um dos elos, que tem a função de fortalecer a união do grupo, construindo uma identidade ancestral.

## **6 Considerações finais**

Sob o ponto de vista social, este artigo tem, em sua origem, uma preocupação com a invisibilidade cultural imposta às comunidades indígenas no Brasil, gradativamente tragadas pela cultura ocidental não indígena. Este trabalho contribui socialmente ao destacar uma cultura ou comunidade indígena que compõe esses 15% de línguas que sobreviveram e ao reconhecer o valor de suas especificidades linguísticas e, sobretudo, culturais. Contribui com demais trabalhos documentais já existentes dessas línguas estudadas, principalmente, na medida em que esses resultados poderão subsidiar ações relacionadas à manutenção da língua e dos valores culturais que elas traduzem, e aos programas de educação bilíngue dos ensinos fundamental e médio, já implantados na comunidade indígena Tapirapé.

A proposta de reflexão tem destaque no cenário de estudos linguísticos, uma vez que os Āpyāwa revelam-se como um caso exemplar de resistência e união, cujas

políticas linguísticas são desenvolvidas e postas em prática por toda a comunidade indígena, que sofreu rápida depopulação e deslocamento do seu território e que foi capaz de alcançar um ajustamento com a sociedade não indígena, retendo sua identidade como sociedade distinta e resistindo contra as pressões e tendências impostas.

## Referências

- ALMEIDA, A.; IRMÃNZINHAS DE JESUS & PAULA, L. G. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1983.
- BALDUS, H. *Tapirapé: Tribo Tupí no Brasil Central*. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Editora da USP (Coleção Brasiliani n. 7), 1970.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CABRÉ, M T. *La terminologia*. Teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida/ Empúries, 1993.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.
- CLASTRES, P. *Arqueologia da Violência: Pesquisas de Antropologia Política*, São Paulo, Cosac & Naify, 2004.
- DELANCEY, S. *Lectures on Functional Syntax*. University of Oregon, 2000.
- DIJK, T. A. van. *Discurso e poder*. Judith Hoffnagel; Karina Falcone (org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- HOPPER, P.J. & THOMPSON, S.A. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. *Language*, p. 60.04, p. 703-752, 1984

PRAÇA, W. N. *Morfossintaxe da Língua Tapirapé*. Tese de Doutorado, Brasília: UnB, 2007.

PRAÇA, W. N., Neologismos em Tapirapé. In: Hebe A. González; Beatriz Gualdieri. (Org.). *Lenguas indígenas de América del Sur I Fonología y léxico*. 1ed. Mendoza: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Cuyo, 2012, v. I, p. 11-243.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Coleção Linguagem e Sociedade. Campinas, SP: Pontes Editores. Vol. 1, 2011

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. D.E.L.T.A. 91:83-103. São Paulo, 1993a.

\_\_\_\_\_. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. Ciência Hoje. 95:20-26. Rio de Janeiro, 1993b.

\_\_\_\_\_. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras* [conferência realizada na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, em 08 de julho de 1999]. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 1999. 17p Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 16 de novembro de 2014

THOMPSON, J. B. *Ideología y cultura moderna: Teoría Crítica social en la era de la comunicación de masas*. Tradução de Gilda Fantinati Caviedes. México: Polity Pr., 1998.

ŽIŽEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro; revisão de tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.